



“Somos um país que deve muito. Me daria mais prazer pagar o Bolsa Família e não os juros da dívida, mas temos que cumprir com nossa obrigação”

“Esse caminho é certamente mais duro e angustiante. Mas é o único caminho para a estabilidade”

ANTONIO PALOCCI
MINISTRO DA FAZENDA

Tucano se atrapalha e ajuda ministro

BRASÍLIA - A tão aguardada audiência pública do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, na Comissão de Assuntos Econômico do Senado, durou quase sete horas. O ministro respondeu às críticas mais convenientes até o fim sem nem mudar o tom de voz. Os senadores, no entanto, tiveram momentos de estresse.

O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), atrapalhou-se em sua crítica ao gover-

no e acabou reforçando o discurso de que a carga tributária caiu no ano passado. Ele afirmou que, segundo cálculos de seu partido, a carga passou de 35,6% em 2002 para 35,5% em 2003. Além disso, afirmou que a redução da taxa básica de juros (Selic) de 16,5% para 16,25% ao ano foi “cosmética” e consequência das crises políticas que o governo vem atravessando.

Ao ver que tinha se atrapalhado, Virgílio afirmou que a re-

dução da carga tributária era apenas uma “boca de urna”. Palocci foi rápido no gatilho, afirmando que, como se referia a 2003, era algo já ocorrido; então correspondia ao resultado das eleições.

— Tem gente que perde as eleições por um voto. Não é boca de urna. Aqui é eleição corrida — afirmou Palocci.

Para completar, o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante, acabou se irritando

com o presidente da comissão, Ramez Tabet (PMDB-MS). Mercadante fez um discurso longo em defesa do governo e da manutenção da meta de inflação em 5,5% nos próximos dois anos. Com o detalhismo das explicações, Tebet brincou:

— Parece que o senhor está concorrendo — disse, referindo-se ao cargo de Palocci.

Mercadante não achou graça e rebateu dizendo que não abdicaria de seu mandato.